

O livro que agora estou a escrever parecerá a muitos desprovido de sentido — se é que me é permitido imaginar que «muitos» o lerão —, dado que eu próprio, que inicio esta empresa voluntariamente, sem que alguém ma tenha ordenado, não estou inteiramente certo do seu propósito. Quero e tenho de o fazer, é tão-só isso. Nos dias que correm, a exigência de um propósito e de um método para o que se faz e se diz é cada vez mais implacável, de modo que nem uma palavra seja deixada ao acaso. Só o autor deste livro se viu forçado a seguir em sentido contrário, entrando por uma via sem objetivo definido. Embora os meus anos aqui passados como prisioneiro e químico — serão mais de vinte, estou em crer — tenham sido repletos de trabalhos e urgências, deve ter havido alguma coisa dentro de mim para a qual isso não bastou e que conduziu a uma outra tarefa que eu próprio não podia vislumbrar, e na qual, contudo, me embrenhei profunda e quase dolorosamente. Esse trabalho ficará concluído quando o meu livro estiver terminado. Por conseguinte, percebo, à luz de qualquer pensamento racional e prático, o quanto peca por

insensatez o que vou escrevinhando; mas, ainda assim, escrevo.

Outrora, não teria talvez ousado fazê-lo. Talvez isso se deva ao cativo, que me tornou leviano. As minhas condições de vida são agora apenas ligeiramente diferentes daquelas que tinha enquanto homem livre. Aqui, a comida é pouco pior — mas uma pessoa habitua-se. A tarimba revelou-se um pouco mais dura do que a minha cama, em casa, na Cidade Química n.º 4 — mas uma pessoa habitua-se. Passei a sair mais raramente para o ar livre — também a isso se habitua uma pessoa. O pior foi a separação da minha mulher e dos meus filhos, sobretudo por eu não saber nada sobre o seu destino, levando a que os meus primeiros anos de cativo tivessem sido de preocupação e angústia. Porém, à medida que o tempo foi passando, comecei a sentir-me mais tranquilo, e passei mesmo a gostar cada vez mais da minha vida. Aqui, nada me inquietava. Eu não tinha subalternos nem chefes — exceptuando os guardas prisionais, que raramente perturbavam o meu trabalho e a quem apenas interessava que eu cumprisse as regras. Não tinha protectores nem rivais. Os cientistas com quem por vezes me reunia para acompanhar as investigações mais recentes no campo da química tratavam-me com cortesia e objectividade, e, se havia alguma condescendência, esta devia-se à minha nacionalidade estrangeira. Eu sabia que ninguém tinha motivos para me invejar. Resumindo: de certo modo, eu podia sentir-me mais livre do que em liberdade. Mas ao mesmo tempo que a tranquilidade aumentava, crescia dentro de mim aquele peculiar vínculo ao passado, e não terei sossego enquanto não terminar de escrever as memórias daquele que foi um período tão importante da minha vida. A pos-

sibilidade de escrever é-me concedida por via do meu trabalho científico, não havendo qualquer controlo até ao momento em que entrego uma tarefa concluída. Posso portanto permitir-me esta satisfação, ainda que possa ser a minha última.

A minha narrativa tem início por volta dos meus quase quarenta anos. Se isto não bastar como apresentação, posso talvez referir a imagem que eu tinha da vida. Poucas coisas dizem mais sobre uma pessoa do que o modo com ela representa simbolicamente a vida: se a vê como um caminho, como uma batalha, como uma árvore em crescimento ou como um mar revolto. Quanto a mim, era pelo olhar de um rapazinho de escola bem comportado que a via: como uma escada que se subisse degrau a degrau, tão depressa quanto possível, com a respiração descompassada e os rivais à perna. Em boa verdade, eu nem tinha muitos rivais. A maioria dos meus colegas no laboratório concentrava toda a sua ambição na esfera militar, encarando o trabalho diurno como uma interrupção entediante mas necessária do serviço militar realizado ao fim do dia. Pela minha parte, a nenhum deles me atrevia a confessar que me interessavam bem mais os meus trabalhos no campo da química do que a minha participação militar, embora eu não fosse certamente um mau soldado. Em todo o caso, lá ia subindo a minha escada, sem nunca considerar os degraus que, na verdade, tinha ainda de deixar para trás, nem as glórias que me aguardariam no topo. Talvez imaginasse indistintamente a casa da vida como uma comum residência de cidade, na qual se subisse desde as entranhas da terra até, por fim, se desembocar no terraço, ao ar livre, ao vento e à luz do dia. Não era claro para mim a que corresponderiam o vento e a luz do dia na

escalada da minha vida. Contudo, era certo que cada um dos patamares das escadas era indicado por curtas mensagens oficiais enviadas de escalões superiores: uma aprovação num exame, uma prova superada, uma transferência para uma área de actuação mais importante. Para trás, deixara já uma série de momentos cruciais de transição; mas não tantos que pudessem fazer desvanecer a importância de mais uma dessas etapas. Foi, pois, com uma excitação febril que regressei da curta conversa telefónica em que soube que poderia esperar o meu chefe de controlo no dia seguinte e, portanto, começar as experiências com material humano. No dia seguinte, chegaria então a derradeira prova de fogo para a minha maior invenção até à data.

Eu estava tão entusiasmado que me foi difícil começar o que quer que fosse nos dez minutos de trabalho que ainda me restavam. Em vez disso, fiz um pouco de batota — quase creio que pela primeira vez na vida — e comecei a arrumar antecipadamente os aparelhos, de modo lento e cuidadoso, enquanto espreitava pelas paredes de vidro de ambos os lados para verificar se alguém me observava. Assim que a campainha anunciou o fim do trabalho por aquele dia, apressei-me a percorrer os compridos corredores do laboratório, sendo um dos primeiros na corrente. Tomei apressadamente um duche, troquei a roupa de trabalho pelo uniforme de tempos livres, corri para dentro do elevador cíclico e, pouco depois, encontrava-me na rua. Como a nossa casa ficava no mesmo sector do meu trabalho, tínhamos licença para aí circular à superfície do solo, e eu aproveitava sempre para desentorpecer ao ar livre.

Ao passar pela estação de metro, ocorreu-me que poderia esperar por Linda. Estando eu tão adiantado, ela

certamente não chegara já a casa vinda da fábrica de alimentos, a mais de vinte minutos de metro dali. Acabara de chegar um comboio, e um mar de gente saiu do interior da terra, apertando-se para passar pelos torniquetes onde as licenças de circulação à superfície eram verificadas, e espalhando-se pelas ruas em volta. Para além dos terraços então vazios, para além de todos os toldos cinzentos como as montanhas e verdes como prados dobrados, que em dez minutos poderiam deixar a cidade invisível se vista do ar, observei a multidão pululante de consolidados regressados a casa em uniforme de tempos livres, e ocorreu-me repentinamente que talvez todos eles tivessem o mesmo sonho que eu: o da caminhada de ascensão.

A ideia absorveu-me. Eu sabia que em tempos idos, durante a época civil, as pessoas tinham de ser aliciadas a esforçar-se e a trabalhar com a expectativa de conseguirem casas mais espaçosas, comida mais refinada e roupas mais bonitas. Agora, nada disso era necessário. Um apartamento-padrão — com um quarto para os solteiros, dois para as famílias — era suficiente para todos, dos mais humildes aos mais meritórios. As refeições confeccionadas nas cozinhas centrais dos edificios satisfaziam tanto o general quanto o soldado raso. O uniforme comum — um para o trabalho, um para os tempos livres e um para o serviço militar de vigilância — era igual para todos, para homens e mulheres, chefes ou subalternos, excepto nas divisas. Mesmo estas últimas não eram na prática mais luxuosas para uns do que para outros. Aquilo que se procurava na insígnia mais elevada de um chefe era só o que ela simbolizava. Pensei com satisfação que um consolidado do Estado Mundial é tão espiritualizado que tem para si que o valor mais

alto da vida, do modo mais palpável possível, são três divisas negras no braço — três divisas negras que constituem uma garantia tanto de auto-estima como do respeito dos outros. Pode-se certamente obter suficientes, e mais que suficientes, prazeres materiais (e é precisamente por este motivo que imagino que na época civil as antigas casas de doze divisões dos capitalistas pouco mais eram que um símbolo), mas o mais subtil dos prazeres, que se persegue sob a forma de divisas, é algo de que ninguém alguma vez se sentirá saciado. Por muito respeito, por muita auto-estima que se tenha, é sempre possível querer mais. No mais espiritualizado, no mais etéreo e intangível de tudo repousa o nosso sólido sistema social, seguro para todo o sempre.

Assim reflectia eu junto à saída do metro, vendo como num sonho a sentinela fazer a patrulha ao longo do muro do sector reforçado com arame farpado. Quatro comboios haviam chegado, por quatro vezes tinham as multidões jorrado à luz do dia, quando, por fim, Linda passou pelo torniquete. Apressei-me a ir ao seu encontro e prosseguimos lado a lado.

Obviamente, não podíamos falar, por causa dos exercícios aéreos que, dia e noite, impediam qualquer conversa no exterior. Em todo o caso, ela viu a minha expressão de felicidade e acenou com a cabeça em sinal de encorajamento, embora se mantivesse, como sempre, séria. Apenas quando chegámos ao nosso prédio e o elevador nos fez descer ao nosso andar, pudemos sentir um relativo silêncio, e apesar de o barulho do metro, que fazia estremecer as paredes, não ser tão forte que nos impedisse de falar sem interrupções, adiámos por cautela qualquer conversa até entrarmos em casa. Caso nos escutassem no elevador, seria perfeitamente natural suspei-

tarem de que abordávamos assuntos que não queríamos que as crianças ou a assistente doméstica ouvissem. Conheciam-se certos casos em que inimigos do Estado e outros criminosos pretenderam usar o elevador como local de conspiração; era um local propício, porque os ouvidos e olhos policiais não podiam, por motivos técnicos, ser instalados num elevador, e porque o porteiro costumava ter mais que fazer além de subir e descer a escadaria para se pôr à escuta. Por conseguinte, por precaução ficámos calados até entrarmos na sala familiar, onde a assistente doméstica dessa semana já servira o jantar e aguardava com as crianças, que fora buscar à creche do prédio. Ela parecia ser uma rapariga cuidadosa e decente, e as nossas saudações amistosas não se deveram apenas ao facto de sabermos que ela, como todas as assistentes domésticas, estava encarregada de apresentar um relatório sobre a família no fim da semana — uma medida recente que, no geral, se pensava ser responsável pela melhoria do ambiente em muitas casas. Uma atmosfera de alegria e conforto reinava em redor da nossa mesa, especialmente porque Ossu, o nosso filho mais velho, se encontrava entre nós. Ele chegara do campo de infância, pois era noite de visita ao lar.

— Tenho uma coisa interessante para contar — disse eu a Linda enquanto comíamos a sopa de batata. — A minha experiência avançou tanto que amanhã vou começar a trabalhar com material humano sob a supervisão de um chefe de controlo.

— Quem achas que será? — perguntou Linda.

Embora eu estivesse certo de não exteriorizar nada, por dentro aquela pergunta fizera-me estremecer. O significado daquelas palavras poderia ser absolutamente inocente. Haveria alguma coisa mais natural do que uma

esposa perguntar quem seria o chefe de controlo que supervisionaria o trabalho do seu marido?! Eu estaria sujeito à truculência ou complacência do chefe de controlo durante todo o período de teste, fosse qual fosse a sua duração. Dera-se já o caso de chefes de controlo ambiciosos se apropriarem de invenções de subordinados, tornando-as suas, e as vítimas de tal apropriação tinham escassas hipóteses de se defenderem. Não era, portanto, estranho que um familiar nos perguntasse quem seria.

Eu, contudo, tentei escutar na sua voz um tom oculto, sub-reptício. O meu chefe mais próximo, e, por conseguinte, o meu provável futuro chefe de controlo, era Edo Rissen. E Edo Rissen trabalhara em tempos na fábrica de alimentos onde Linda trabalhava. Eu sabia que tinha havido muito contacto entre ambos, e deduzi, por diversos pequenos sinais, que ele deixara uma certa impressão na minha mulher.

A sua pergunta despertou o meu ciúme e alguma desconfiança. Qual era o nível de intimidade da sua relação com Rissen? Numa grande fábrica acontecia amiúde duas pessoas poderem encontrar-se fora do campo de visão das outras, nomeadamente nos armazéns, onde pacotes e caixas impediam que se visse claramente através das paredes de vidro, e onde talvez, por coincidência, mais ninguém se encontrasse nesse momento a trabalhar... Linda também trabalhara como guarda-nocturno na fábrica; Rissen poderia muito bem cumprir o seu turno na mesma ocasião. Tudo era possível, incluindo o pior de tudo: que ela ainda o amasse a ele, e não a mim.

Nesses tempos, eu raramente me interrogava sobre mim mesmo, sobre o que pensava e sentia ou sobre o que os outros pensavam ou sentiam, a menos que se tratasse de algo que tivesse para mim uma importância

prática. Só mais tarde, no meu período solitário de prisioneiro, certos momentos regressaram como enigmas, obrigando-me a interrogar-me, a interpretar e a decifrar. Agora, passado tanto tempo, sei que naquela altura, ao esperar tão ansiosamente uma «certeza» na questão referente a Linda e a Rissen, não queria, de facto, ter a certeza de não haver uma ligação entre ambos. Eu queria ter a certeza de que ela estava virada noutra direcção. Eu desejava uma certeza que pusesse fim ao meu casamento.

Porém, nessa época, eu teria repellido uma tal ideia com desprezo. Linda representava um papel demasiado importante na minha vida, diria eu. E isso era verdade, e nenhuma cisma ou quaisquer insinuações teriam conseguido mudar *esse facto*. Em termos de importância, ela poderia facilmente competir com a minha carreira. Ela, contra a minha vontade, atraía-me de um modo puramente irracional.

Pode-se falar de «amor» como um antiquado conceito romântico, mas receio que, ainda assim, ele exista, e desde o primeiro instante contém um elemento indescritivelmente doloroso. Um homem é atraído para uma mulher, uma mulher para um homem, e a cada passo que os aproxima um do outro perdem algo de si próprios; uma série de derrotas, quando se esperavam vitórias. O meu primeiro casamento — sem filhos, e portanto uma história a não continuar — foi desde logo um prenúncio disso. Linda intensificou-o até ao pesadelo. Nos primeiros anos do nosso casamento, eu até tinha um pesadelo, embora não o associasse a ela: eu encontrava-me no meio de uma grande escuridão, mas debaixo de uma forte luz de holofotes; sentia que, na escuridão, os Olhos me fitavam, e eu fazia uma carantonha como uma

máscara para escapar, ao mesmo tempo que não conseguia deixar de me sentir envergonhado como um cão por causa dos miseráveis trapos que trazia vestidos. Só mais tarde percebi que aquela era uma boa imagem da minha relação com Linda, na qual eu me sentia assustadoramente transparente, embora tudo fizesse para escapar e para me proteger, enquanto ela parecia permanecer o mesmo enigma, fantástica, forte, quase sobre-humana, mas eternamente perturbadora, porque o mistério que a envolvia lhe atribuía uma superioridade detestável. Quando a sua boca se unia num fino traço vermelho — ah, não, não era um sorriso de troça ou de alegria, podia antes chamar-se-lhe uma tensão, como quando se estica a corda de um arco — e ao mesmo tempo os seus olhos permaneciam fixamente arregalados, então eu era percorrido pela mesma sensação de ansiedade, e ela mantinha-me preso e atraía-me sempre de modo igualmente implacável, apesar de eu suspeitar que ela nunca se me revelaria. Suponho que é apropriado utilizar a palavra amor quando, no meio do desespero, ainda nos mantemos unidos um ao outro, como se apesar de tudo pudesse acontecer um milagre — quando o próprio sofrimento adquiriu uma espécie de valor próprio e se tornou um testemunho de que pelo menos se tem algo em comum: a expectativa de algo que não existe.

À nossa volta, víamos pais separarem-se assim que os filhos ficavam prontos para os campos de juventude — divorciarem-se e casarem-se novamente para criarem novas ninhadas. Ossu, o nosso filho mais velho, tinha já oito anos e passara, portanto, um ano inteiro no campo de infância. Laila, a mais nova, tinha quatro anos e ainda passaria mais três em casa. E depois? Também nos separaríamos para nos casarmos de novo, com a noção infan-

til de que a mesma expectativa seria menos desesperada com outra pessoa? Toda a minha razão me dizia que tal não passava de uma ilusão traiçoeira. Uma única pequena esperança irracional sussurrava: Não, não, a tua relação com Linda fracassa porque ela deseja Rissen! Ela pertence a Rissen, e não a ti! Certifica-te de que é em Rissen que ela pensa — então tudo se esclarecerá, e terás ainda a esperança de um novo amor que faça sentido!

Tão estranhamente interligado estava aquilo que a pergunta de Linda despertara.

— Rissen, provavelmente — respondi, pondo-me ansiosamente à escuta no silêncio que se seguiu.

— Seria indelicado perguntar de que experiência se trata? — perguntou a assistente doméstica.

Ela tinha o óbvio direito à pergunta, na medida em que, de certo modo, se encontrava ali para averiguar o que se passava no seio da família. E eu não conseguia ver o que poderia ser mal interpretado e usado contra mim, nem como poderia prejudicar o Estado se os rumores sobre a minha descoberta se espalhassem antecipadamente.

— Trata-se de algo que espero poder vir a trazer ao Estado grandes vantagens — disse eu. — Um meio que levará qualquer pessoa a revelar os seus segredos, tudo aquilo que anteriormente manteve só para si, por vergonha ou por medo. É desta cidade, consolidado-assistente doméstica?

Acontecia, por vezes, depararmos com pessoas provenientes de outros locais, vindas em tempos em que havia falta de pessoal, e que por conseguinte não possuíam mais conhecimento geral das cidades químicas do que o pouco que tinham aprendido enquanto adultas.

— Não — disse ela, ruborizando. — Sou de fora.